



Mulheres e jornalismo no Ceará: por uma história da profissão na região do Cariri

Women and journalism in Ceará: towards a history of the profession in Cariri region

Ligia Coeli Silva Rodrigues

ligia.rodrigues@ufca.edu.br

Universidade Federal do Cariri - UFCA

Victoria Ellen Martins Santos

victoria.santos@aluno.ufca.edu.br

Universidade Federal do Cariri - UFCA

10.52521/opp.v23n2.17089

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 13/01/2026

Aprovação do trabalho: 21/02/2026

Publicação do trabalho: 02/03/2026

Resumo

Os estudos sobre mulheres e Jornalismo no Ceará, mais especificamente em cidades afastadas da Capital, ainda carecem de reforços. Os registros se concentram, em sua maioria, nos relatos de vida das profissionais que atuaram na imprensa de Fortaleza. Partindo desta observação, o objetivo da pesquisa é identificar histórias de jornalistas que trabalharam ou que ainda atuam em veículos de comunicação de um território específico: a região do Cariri. O estudo de abordagem exploratória deriva de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que utilizou como metodologia a realização de entrevistas para coletar dados qualitativos. Entre os achados, destacamos: 1) o rádio como espaço significativo para a inserção de mulheres na comunicação regional do Cariri nas décadas de 1970 e 1990, embora a atuação de homens ainda seja majoritária; 2) profissionais que iniciaram as carreiras sem graduação em Jornalismo; 3) dificuldade em localizar registros da participação de mulheres na imprensa do Cariri no período de 1930 até o início da década de 1970, sugerindo a realização de estudos mais aprofundados.

Palavras-chave

Jornalismo. História. Ceará. Mulheres.

Abstract

Studies about women and journalism in Ceará, more specifically in cities far from the capital, need more attention. The existing records mostly focus on the life stories of professionals who worked in the press in Fortaleza. Based on this observation, the objective of this research is to identify the stories of journalists who worked or are still working in media outlets in a specific territory: the Cariri region. This exploratory study derives from a Final Course Project that used interviews as a methodology to collect qualitative data. Among the findings, we highlight: 1) radio as a significant space for the inclusion of women in regional communication in Cariri during the 1970s and 1990s, although the participation of men is still predominant; 2) professionals who began their careers without a degree in Journalism; 3) difficulty in locating records of women's participation in the Cariri press from 1930 until the beginning of the 1970s, suggesting the need for more in-depth studies.

Keywords

Journalism. History. Ceará. Women.

1 Introdução

“Mulheres somem da história do jornalismo do Ceará” (Ribeiro, 2020, n.p.) é o título provocativo da reportagem escrita por Regina Ribeiro e publicada em 2020 no *Jornal O Povo+*. O texto ilustra um incômodo semelhante ao que motivou a realização desta pesquisa. Mas neste caso, voltando a atenção especificamente para o território do Cariri cearense. Embora existam estudos recentes que descrevam o processo de constituição de feminismos no Ceará por meio da imprensa (Silva, 2019); que destaquem a importância do registro do legado de mulheres, que ficou esquecido pela historiografia (Vasconcelos, 2018) e pesquisas sobre a escrita literária e jornalística da mulher no Ceará entre os séculos XIX e XX, com as chamadas “donas da palavra no Ceará” (Souza, 2019), percebeu-se que a história sobre a atuação de mulheres na imprensa da região do Cariri cearense, em específico, ainda aparece timidamente documentada.

Ao revisar os títulos dos 225 trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) apresentados no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA) no período de 2013 até o primeiro semestre de 2025 (Alves, 2025, n.p.), identificamos que apenas cinco deles sinalizam diretamente a abordagem ou menção a este tema, são eles: “Atuação profissional das mulheres jornalistas nas emissoras de televisão da Região do Cariri” (2013); “Vozes: a trajetória de mulheres caririenses no rádio” (2017); “Futebol é coisa de mulher, sim: a participação feminina no jornalismo esportivo da cidade de Juazeiro do Norte” (2019); “Além das quatro linhas: mulheres no futebol cearense” (2023) e “Imprensa feminina: trajetórias de mulheres comunicadoras e jornalistas no Cariri” (2024). É importante destacar que esta é a única graduação em Jornalismo em uma universidade pública e gratuita no interior do Ceará, localizada na cidade de Juazeiro do Norte.

Tratando-se de abordagens em contexto estadual ou da capital, Fortaleza, as pesquisas são mais fartas. Vasconcelos (2023) sinaliza que a história do jornalismo no Ceará foi abordada no final do Século XX por docentes do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), como Adísia Sá, Gilmar de Carvalho e João Vianney de Mesquita. A pesquisadora destaca a importância do Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC/UFC), que publicou o livro “Introdução à História do Jornalismo Cearense” (1974), escrito pelo jornalista e professor Geraldo Nobre e “História & Memória do Jornalismo Cearense” (2004), idealizado pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará (Sind-jor). O livro-reportagem de Bruno Aguiar Carneiro Silva (2012) narra a história da jornalista Ivonete Maia, uma mulher “vinda do sertão para conquistar Fortaleza”.

Cunha (2008) traz um panorama da imprensa feminina cearense, mostrando como esse espaço funcionava como o principal e até mesmo o primeiro instrumento de inserção das mulheres nas letras. Com histórias de autoras que escreveram, colabo-

raram ou fundaram jornais, revistas e almanaques durante os séculos XIX e XX, Cunha (2008) demonstra a importância desses suportes na divulgação dos trabalhos literários dessas mulheres. Em Silva (2011) observamos a preocupação em descrever o ousado movimento da escrita feita por mulheres em Fortaleza no século XIX, e como era ocupar esse espaço na literatura a partir da trajetória de Serafina Rosa Pontes, Alba Valdez e Ana Facó.

Em Castro (2019), a compilação de nomes de 71 autoras cearenses (1801 e 1900) foca na contribuição literária dessas mulheres, que produziram poesias, romances, contos, crônicas, artigos e músicas, superando obstáculos até conseguir a publicação dos textos. O foco foi lançar o olhar para as cidades do interior do Estado do Ceará, entre elas Aracati, Baturité, Cascavel, Icó, Itapajé, Juazeiro do Norte – de interesse da nossa pesquisa, pela localização no Cariri –, Quixeramobim e Sobral, por exemplo.

Os estudos de Medeiros (2020) se voltam à imprensa feita *para* o público feminino, focando em textos escritos para as mulheres no Ceará, observando principalmente a construção discursiva sobre a vida feminina em jornais cearenses para mulheres publicados entre 1875 e 1907, sendo eles: *A Brisa*, *Lírio*, *O Orvalho*, *O Bond*, *O Bemteví*, *Pimpão* e *O Astro*. A pesquisadora observa que “[...] a maioria dos ‘jornais femininos’ cearenses, principalmente no século XIX, não era produzida por mulheres, mas sim por homens” (Medeiros, 2020, p.50). No levantamento bibliográfico encontramos ainda a pesquisa de Nogueira (2024), que analisou a atuação e participação de mulheres radialistas em programas de rádios de municípios da região norte do Ceará, especificamente nos municípios de Camocim, Sobral e Uruoca.

Observando como as contribuições de mulheres para o jornalismo na região do Cariri cearense são pouco mencionadas em estudos acadêmicos, esta pesquisa exploratória buscou investigar e descrever a trajetória de profissionais que fizeram parte da história da comunicação regional. Uma primeira pista metodológica foi o livro “Ipoméias: mulheres do século XIX na imprensa cearense” (Vasconcelos, 2018), que contribui no processo de documentação de mulheres que produziam conteúdo jornalístico no Ceará, especialmente na capital, Fortaleza. Ao narrar a história de quatro personagens — Francisca Clotilde (nascida em Tauá no Ceará), Emília de Freitas, Alba Valdez e Henriqueta Galeno — a obra destaca que:

As mulheres começaram a ter mais espaço na imprensa, seja como autoras ou como leitoras, com o surgimento da imprensa feminina. Ainda que esse tipo de publicação tenha surgido, em um contexto mundial, em 1693, com o periódico *Lady's Mercury*, na Inglaterra, a imprensa feminina ganhou mais força quando as mulheres começaram a participar mais ativamente na sociedade (Vasconcelos, 2018, p. 14).

Vasconcelos (2018) demonstra em sua produção um grande afinco com a história dos veículos de comunicação da época, citando inclusive a publicação do primeiro jornal no Ceará — o *Diário do Governo* —, que circulou no estado em 1º de abril de 1824. O estudo desenvolvido por Keyle Samara Ferreira de Souza (2019), também trouxe importantes informações relacionadas à conquista do espaço público pela mulher através da escrita literária e jornalística no Ceará. A pesquisa cita, por exemplo, um dos poucos registros que se supõe ser de autoria de mulher negra no Ceará. Trata-se de “Poesia oferecida à Sociedade Cearense Libertadora, em memória do dia 27 de Janeiro de 1881”, publicado na edição de 30 de janeiro de 1881 do *Jornal Cearense*, na sessão de Literatura. No entanto, o trabalho – que justamente por focar na trajetória da “mulher de letras”, Alba Valdez – não faz menção ao Cariri cearense.

A partir dessas observações iniciais, notamos que a investigação ao nível regional carecia de mais especificidade e passamos a buscar as histórias da presença feminina nos veículos de comunicação do Cariri. Antes é necessário sinalizar o risco de utilizar expressões como “pioneiras”, “primeiras” ou “vanguardistas”. Esse movimento de buscar as histórias que antecedem as já amplamente conhecidas foi uma orientação metodológica e o foco da pesquisa é investigar a presença de mulheres nas redações jornalísticas da região. Com isso, os caminhos dessa pesquisa partiram dos primeiros registros de imprensa em Juazeiro do Norte e Crato, as duas maiores cidades do Cariri, onde foi possível encontrar pesquisas voltadas aos principais jornais impressos das duas cidades, inclusive num contexto em que ambas eram uma só – quando Juazeiro ainda era um distrito de Crato, por volta do início do século XX.

Posteriormente, através da coleta de relatos de historiadores e das próprias entrevistadas, também expandimos os olhares até a cidade de Brejo Santo – uma cidade que está fora da Região Metropolitana do Cariri (RMC). De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a RMC é composta por Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Jardim, Missão Velha, Caririaçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri. É partindo desse cenário que o estudo se dedica a compreender – a partir de uma breve retrospectiva histórica, documental e utilizando as entrevistas como principal técnica de coleta de informações –, as trajetórias e desafios de mulheres jornalistas no Cariri, uma região localizada no sul do Ceará, rica em diversidade cultural e com ênfase no turismo religioso, especialmente com a popularidade do Padre Cícero. Apesar da relevância e particularidades do jornalismo regional, são recentes as pesquisas que se dedicam a mapear, descrever e problematizar a atuação de mulheres nesse campo, justificando a partilha dessas contribuições para ampliar o debate sobre a representatividade feminina em empresas de Jornalismo, levantando novas reflexões acadêmicas sobre gênero e comunicação a partir de outros territórios e não apenas os das “capitais”

– ainda que essas histórias possam estar conectadas.

Sendo um tema que atravessa diretamente as discussões aqui empreendidas, destacamos os aportes teóricos que sinalizam para a importância dos estudos de gênero e interseccionalidade no Jornalismo (Lago; Kazan; Thamani, 2018) e o enfrentamento das desigualdades que incidem nas trajetórias de mulheres jornalistas (Lelo, 2019; Dancosky; Mick; Rocha, 2022). A fundamentação inclui ainda escritos que abordam a história da comunicação e suas nuances regionais, como descrito em Francisco Wilton Moreira dos Santos (2025) e a importância de uma construção de uma historiografia de mulheres (Lima, 2025), já sinalizada em estudos como o de Silva (1987), que apontava desde então as dificuldades teóricas e metodológicas na constituição de uma “história da mulher”. Os procedimentos metodológicos foram orientados por uma abordagem exploratória, que considerou a consulta a historiadores e jornalistas da região, além da realização de entrevistas em profundidade (Duarte, 2005; Leitão, 2021) e uso de fontes documentais, tomando como referência trabalhos que abordaram temáticas semelhantes, a exemplo de Rocha (2004).

2 Metodologia: da busca das histórias ao contato com as entrevistadas

Na tentativa de localizar livros de história, artigos, teses e dissertações que pudessem nos trazer pistas sobre o objeto de estudo – a presença de mulheres no decorrer histórico do jornalismo do Cariri cearense –, utilizamos das seguintes estratégias iniciais: 1) No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, inserimos as palavras-chave: “história”, “mulher”, “jornalismo” e “Ceará”. Dos 15 trabalhos localizados, dois deles nos forneceram importantes pistas metodológicas, a saber: a pesquisa de Souza (2019), sobre escrita literária e jornalística da mulher no Ceará, durante o século XIX e XX – embora sem menções a mulheres que atuaram no Cariri cearense; e o trabalho de Santos (2021), que estuda o jornal *A Ação*, periódico fundado em 1939 pela Ação Católica da Diocese de Crato e nos forneceu a pista de onde localizar jornais para análise ao citar o Departamento Histórico Diocesano Pe. Antonio Gomes de Araújo (DHDGP), que:

[...] possui um grande acervo sobre a história do Crato e demais cidades da região do Cariri. Entre eles, encontramos periódicos como o *A Ação*, o *Jornal do Cariri*, versões traduzidas do *L'Osservatore Romano* (revista oficial do Vaticano), o *Mensagem Diocesano*, a revista *O Catequista*, o jornal *A Voz de Santa Tereza*, o jornal *A Voz da Religião no Cariri*, o jornal *O Araripe* e o jornal *O Rebate*. Além disso, podemos encontrar volumes das revistas *Itaytera* (órgão de divulgação histórica, cultural e artística do ICC), *Hyhyté* (revista da Faculdade de Filosofia do Crato) e a revista *A Província* (Santos, 2021, p.18).

Além disso, foram realizadas buscas na biblioteca da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Iniciamos a partir do estudo do cenário estadual para, em seguida, avançar para a observação de obras que tratassem especificamente do Cariri. Esse procedimento se justifica pela constatação da escassez ou inexistência de registros bibliográficos sobre a atuação de mulheres jornalistas no mundo do trabalho na região. Por se tratar de uma pesquisa com objetivo exploratório, buscamos examinar as trajetórias de mulheres que fizeram parte da história do jornalismo no Cariri cearense a partir das seguintes etapas: 1) levantamento bibliográfico; 2) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com a situação pesquisada; e 3) análise de exemplos que estimulem a compreensão (Gil, 2002, p.41).

Para a condução da metodologia, nos orientamos ainda pelos aportes teóricos de Rocha (2004), que estudou sobre o processo de profissionalização e feminização da carreira; Leitão (2021), com apontamentos sobre a entrevista como instrumento de pesquisa científica e da pesquisa historiográfica, que faz uso de fontes como documentos oficiais, relatórios e falas, relatórios e registros, fotografias e material de circulação periódica (Schaffrath, 2006).

Como ponto de partida, fizemos uma seleção de entrevistas em profundidade que já haviam sido realizadas em estudos anteriores, como o de Santos (2024) e posteriormente ampliamos as buscas. As consultas foram realizadas e documentadas em áudio e texto entre janeiro de 2024 e outubro de 2025, a partir dos seguintes critérios: 1) mulheres que trabalharam diretamente em atividades de produção textual e/ou noticiosa na região do Cariri cearense; 2) mulheres com graduação em Jornalismo e/ou comunicadoras (considerando que algumas delas, embora trabalhassem como apresentadoras ou locutoras, por exemplo, não haviam cursado uma graduação). Todas as entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado, onde o foco era a história das entrevistadas.

Para ampliar e aprofundar o tema pesquisado, também, recorreremos a entrevistas e consultas a jornalistas – na tentativa de localizar nomes e histórias que não havíamos citado. Para a coleta direta de informações, elaboramos uma lista de nomes, dando ênfase ao período entre 1970 e início dos anos 2000. Em síntese (Tabela 1) temos a descrição das seis mulheres entrevistadas, sendo cinco delas somente da cidade de Juazeiro do Norte e todas trabalhando em meios de comunicação – alguns de iniciativa própria, como *blogs*.

Tabela 1 – Descrição de mulheres entrevistadas para esta pesquisa

Jornalista e/ou comunicadora	Cidade de atuação	Breve trajetória	Local de trabalho (até 2025)
Elizangela Santos	Crato	Formou-se na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande. Iniciou sua carreira no jornalismo pelo jornal Correio da Paraíba. Trabalhou no Sindicato dos Comerciários da Paraíba e no Jornal do Cariri, um jornal impresso pertencente ao grupo de comunicação <i>O Povo</i> . Junto com Elisete Cardoso, fundou o jornal <i>Caminhos da Fé</i> . Trabalhou como repórter no Diário do Nordeste e, anos depois, retornou como editora do <i>Jornal do Cariri</i> . Concedeu entrevista para esta pesquisa aos 51 anos, quando trabalhava como assessora da Prefeitura do Crato e da Universidade Regional do Cariri (URCA).	Prefeitura do Crato
Célia Rodrigues	Juazeiro do Norte	Célia Rodrigues nos concedeu a entrevista aos 74 anos. Contou que apresentou o programa <i>Sexo Verbal</i> e começou sua trajetória na radiodifusão após participar de uma peça de teatro escolar, que chamou a atenção do diretor da <i>Rádio Iracema</i> . Ele a convidou para um teste de locução, dando início à sua carreira. É membro da Associação Mundial de Rádios Comunitárias e idealizadora do programa <i>Mulher Ideal</i> , sucesso na cidade do Crato entre o final da década de 90 e início dos anos 2000. Atualmente, apresenta o programa <i>Saudável Mente</i> , aos sábados, na <i>Rádio Vale</i> .	<i>Rádio Vale</i>
Maria Marleide Duarte	Juazeiro do Norte	Natural da cidade de Aurora, no Ceará. É graduada em Geografia, iniciou sua carreira na rádio <i>Progresso</i> , trabalhou nas rádios <i>Iracema</i> , <i>SomZoom</i> e <i>Vale</i> , passou 18 anos na TV Verde Vale. Aos 63 anos, apresenta um podcast no portal <i>News Cariri</i> .	<i>Tv Verde Vale</i>
Maria do Socorro Ribeiro de Oliveira "Corrinha"	Juazeiro do Norte	Primeira editora-chefe do <i>Jornal do Cariri</i> e antes da publicação da edição inaugural, em 5 de setembro de 1997, conduziu um período de três meses de treinamento com os repórteres contratados, abordando práticas de apuração e produção textual. Também participou da implantação da <i>Rádio CBN Cariri</i> . Possui longa trajetória no jornalismo cearense, com início em funções de assessoria de imprensa no Governo do Estado e posterior atuação na <i>Rádio CBN Fortaleza</i> . Após a transferência para o Cariri, motivada pela mudança de domicílio de seu esposo (que era Deputado Estadual) assumiu a função de assessora de imprensa da Universidade Regional do Cariri (URCA), sendo a primeira profissional a ocupar esse cargo na instituição. A experiência prévia em veículos de comunicação a inseriu diretamente nos projetos de expansão midiática na região.	Assessoria de Comunicação da prefeitura de Juazeiro do Norte

Cassinha Rocha	Juazeiro do Norte	Trabalhou no jornal <i>O Povo</i> , no setor de telemarketing, vendendo assinaturas. Atuou no marketing da TV <i>Verdes Mares</i> e, na Rádio 100, apresenta o programa “ <i>O Que Tem de Bom?</i> ”, além de manter um blog de mesmo nome. Criou uma empresa de assessoria de imprensa, a Cássia Rocha MKT. Foi assessora de imprensa do Hospital e Maternidade São Vicente de Paulo, em Barbalha, e quando concedeu entrevista para esta pesquisa, aos 53 anos, atuava como colunista no <i>Fisson</i> .	Blog e programa: <i>O que tem de bom?</i>
Cecília Chagas	Juazeiro do Norte	Iniciou a carreira com o curso de radialista e atuou na extinta <i>Rádio Verde Vale AM</i> . Foi repórter no programa Rota, da TV <i>Verde Vale</i> . Atualmente, aos 52 anos, apresenta o <i>Pro News</i> na <i>Progresso FM</i> .	<i>Rádio Progresso</i>

Fonte: as autoras (2025).

Para localizar essas entrevistadas, utilizou-se a técnica da “bola de neve” (Castro; Blanco, 2007; Vinuto, 2014), uma estratégia de pesquisa que faz uso de documentos e/ou informantes-chaves e a partir disso, localiza pessoas com o perfil necessário para a pesquisa. Solicita-se a um(a) informante inicial – que no caso desta pesquisa foi Célia Rodrigues – a recomendação de possíveis colaboradores(as) ou indicação de nomes, a partir da memória e lembranças do(a) entrevistado(a) e sua relação com o tema pesquisado. Com isso, torna-se mais fácil estabelecer uma relação de confiança com novos(as) participantes. No entanto, como limitação há a possibilidade de conseguir uma mostra muito restringida, devido a uma reduzida rede de contatos, por exemplo. Além disso, as indicações não seguem uma linearidade – podendo ao longo do percurso metodológico, surgir novos nomes, inclusive repetidos.

Fizemos a escolha de encerrar as buscas quando percebemos que o quadro de amostragem se tornou saturado: as próprias entrevistadas já não indicavam novos nomes ou aqueles encontrados não traziam informações novas ao quadro de análise, conforme sinalizara Vinuto (2014). Essa dificuldade de identificação de trajetórias anteriores não apenas sinalizam para os pressupostos teóricos dos estudos de gênero, mas demonstra como, no contexto do Jornalismo caririense, a invisibilização histórica impacta diretamente a formação de redes de memória e pertencimento profissional.

2.1 Da descrição dos dados e consulta a historiadores

A cada indicação recebida ou informação levantada, a partir da localização de artigos científicos e pesquisas sobre o tema, as consultas às fontes foram agendadas e conduzidas tanto pessoalmente quanto pelo *Google Meet*. Posteriormente, a transcrição do conteúdo foi feita com o auxílio dos softwares *Celeste* e *Turboscribe*, que são

conversores de áudio para texto. É fundamental destacar que, embora esses recursos apresentem uma aparente facilidade técnica, esse processo metodológico exige uma interpretação cuidadosa, pois ele representa uma experiência de imersão no material, funcionando também como uma análise prévia dos dados coletados. Nesse contexto, “[...] o material transcrito permite a recuperação e manipulação do material de modo muito mais fácil e eficiente do que o áudio, propiciando o processo de análise e categorização do material de modo iterativo e sistemático” (Leitão, 2021, p. 20).

Além do contato com as mulheres jornalistas/comunicadoras, outra estratégia metodológica foi a consulta a historiadores cearenses, para reunir informações complementares àquelas descritas na Tabela 1. Foram consultados(as): a) Miran Basílio, em entrevista on-line realizada em 21/05/2025; b) Airton de Farias, consultado por e-mail em 11/09/2025, com o envio de perguntas sobre o tema; c) registros documentais públicos feitos pelo historiador Bruno Yacub Sampaio Cabral (2019) no blog intitulado *A Munganga*.

Através dessas abordagens, obtivemos mais informações sobre as seguintes mulheres: 1) Marineusa Santana Basílio Leite, de Brejo Santo (CE). Faleceu em 05 de junho de 2010, sendo reconhecida como educadora, historiadora, escritora, jornalista e agente cultural. Patrona do Museu Municipal “Historiadora Marineusa Santana Basílio Leite”, inaugurado em 2020. Na década de 1980, apresentou um programa na Rádio Sul Cearense, destacando-se como uma das primeiras vozes femininas do rádio no município. Publicou o livro de memórias intitulado “Reminiscências” (2000), que é um “[...] compêndio de suas lembranças afetivas, registros de feitos da política, vivências pessoais domésticas e acontecimentos históricos da cidade” (Cabral, 2019, n.p); 2) Maria Letícia Ferreira Lima Sampaio, professora, jornalista e militante integralista cearense nas décadas de 1930 e 1940. Irmã de Ubirajara Índio do Ceará, destacou-se na liderança feminina do movimento integralista e na redação do jornal *A Razão*. Em Barbalha (CE) teve atuação marcante na difusão das ideias integralistas, sendo considerada uma das pioneiras do jornalismo no Cariri. Registros sobre a trajetória dela estão nas pesquisas de Nogueira; Fialho e Cunha (2023) e nos escritos de Samuel Pereira de Sousa (2010).

3 Desafios em descrever a presença de mulheres no jornalismo do Cariri

O estudo feito por Temer e Santos (2019) dedicou-se a sistematizar pesquisas em comunicação sobre as mulheres jornalistas (2001 a 2016), mas nos títulos dos 20 trabalhos localizados, não há nenhuma menção ao Ceará e dentre todas as produções elencadas, apenas duas foram realizadas em programas de pós-graduação de instituições do Nordeste. Em um contexto nacional, nomes como o de Eugênia Brandão – a primeira

“reportista” do Brasil – e Narcisa Amália de Campos (1852-1924), que colaborou com jornais locais e, posteriormente, com periódicos do Rio de Janeiro e São Paulo (Barbosa, 2003, p.1), são frequentemente citados. No Ceará, o nome de Maria Adísia Barros de Sá figura como sendo o da primeira mulher a trabalhar como jornalista em uma redação no Ceará, na década de 1950, além de ser a primeira a participar de um sindicato no Ceará e ser docente-fundadora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), com atuação nos jornais cearenses *Gazeta de Notícias*, *O Estado*, *O Dia* e *O Povo* (Aguiar et al., 2011). Destaca-se ainda o nome de Rachel de Queiroz, que escrevia e publicava em jornais e revistas de Fortaleza, como *A Jandaia*, *O Povo* e *O Ceará* (Silva, 2019).

O trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Santos (2024) abordou a imprensa feminina e as trajetórias de mulheres comunicadoras e jornalistas especificamente no Cariri, traçando as primeiras pistas sobre a história da participação feminina nos primeiros veículos de comunicação da região; descrevendo sobre o mercado de trabalho na região e trazendo relatos sobre a primeira turma de graduação em jornalismo em Juazeiro do Norte – na Universidade Federal do Cariri (UFCA), em março de 2010 – e os impactos na formação dessas profissionais. Em uma imagem fotográfica (Imagem 01) divulgada no site da instituição, é possível identificar a presença de 12 discentes mulheres.

Imagem 1 – Discentes da primeira turma do curso de jornalismo em frente ao então campus da UFC

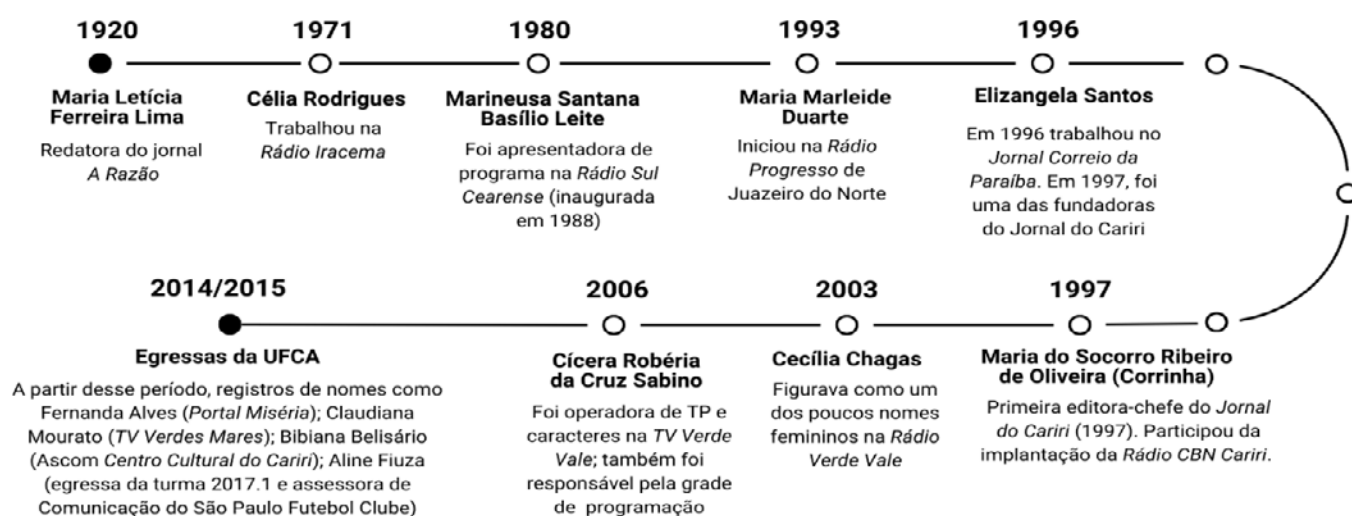


Fonte: Antônio Pinheiro, Universidade Federal do Cariri (2025).

A partir dessas pistas iniciais elaboramos o que seria uma linha do tempo (Figura 1), com nomes das mulheres que contribuíram com esse quadro, desde 1920 até a segunda década dos anos 2000. Em Santos (2024), a profissional mais antiga identificada foi Maria Letícia Ferreira Lima, que atuou no jornal *A Razão*, de Barbalha, na década de 1920, sendo considerada uma das primeiras mulheres jornalistas do Cariri. Entre as décadas de 70 e início dos anos 2000, identificamos com mais facilidade a presença de mulheres trabalhando em rádios, a exemplo de Célia Rodrigues; Marineusa Basílio; Socorro Oliveira e Marleide Duarte. Isso não significa, no entanto, que não havia a presença de mulheres em outros meios, uma vez que esta pesquisa não conseguiu esgotar exaustivamente a busca em todos os locais possíveis – a exemplo dos jornais impressos e revistas.

Há ainda os casos em que foram identificados nomes de mulheres na grade de programação das rádios com sede em Juazeiro do Norte – disponível para a consulta pública em sites¹ e blogs da *Rádio Verde Vale*, por exemplo –, mas que não houve tempo hábil para entrevistá-las. É o caso de Francineide Feitosa, apresentadora do programa “Os bons tempo voltará” (*sic*) e “Estação Sucessos”; Mara Lima (“Toca Tudo”) e Paula Santos (“Temas de amor”), todas integrantes da programação da rádio em 2007. Também em meados dos anos 2000, a radialista Adriana Brito apresentava pela manhã o programa “Conexão Regional” e durante o período de realização desta pesquisa (2025 a 2026), fazia parte da equipe da *Rádio Progresso*, que entrou para a história da radiodifusão brasileira em 2016 como a primeira emissora do país a migrar da faixa AM para FM. A apresentadora integra a equipe do programa *ProNews*, indo ao ar aos sábados das 18h às 20h e tem apresentação de Cecília Chagas e Julia Mendes.

Figura 1 – Linha do tempo da presença de mulheres em meios de comunicação do Cariri



Fonte: as autoras (2025) com informações de Santos (2024).

¹ Disponível em: <http://verdevale.50webs.com/programas.htm>. Acesso em 09 jan. 2026.

Compreendemos que esse levantamento de dados (Figura 1) é um primeiro esboço e permanece aberto para ajustes e atualizações. Um outro aspecto a ser considerado no processo de descrição da história destas profissionais é o movimento feito por mulheres caririenses, que precisaram se deslocar para estados vizinhos, como Pernambuco e Paraíba, para conseguir a formação acadêmica em Jornalismo ou que cursaram graduações em outros campos de estudo por não ter a possibilidade de viajar para estudar. Essa foi uma dinâmica citada por profissionais consultadas na pesquisa feita por Santos (2024).

Para investigar a trajetória de mulheres jornalistas na região do Cariri cearense, este estudo dedicou-se a buscar nomes das mulheres que atuaram tanto em situações mais cotidianas do fazer comunicacional (desde que vinculadas a empresas jornalísticas e assessorias), até aquelas atividades publicamente reconhecidas como trabalho profissional que envolve a produção, apuração e divulgação de notícias. Consideramos a regulamentação da profissão conforme o que orienta a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), bem as chamadas profissões coirmãs – publicidade, radialismo e relações públicas. Antes, nos deparamos com um desafio: apresentando assimetrias nos processos distributivos, o sistema midiático do Cariri cearense está em vias de expansão e consolidação, o que dificulta uma descrição precisa dessas localizações e histórias, como será comentado a seguir.

3.1 Do impresso à TV: organizando as pistas a partir dos meios de Comunicação

Um mapeamento feito em 29 cidades do Cariri cearense descreve a distribuição geográfica das iniciativas de imprensa recentes como irregular (Silva; Pereira; Rezende, 2023), destacando-se a predominância de rádios (43 registros) e iniciativas online (incluindo 44 portais e blogs), sendo a cidade de Juazeiro do Norte – que fica a aproximadamente 500km da capital Fortaleza – a que concentra o maior número de empresas de Comunicação. É na cidade conhecida por ser a terra do Padre Cícero que estão duas emissoras de TV no modelo *broadcasting*: a *TV Verde Vale* (2006), de caráter educativo e a *TV Verdes Mares Cariri* (2009), afiliada da Rede Globo.

Em setembro de 2023 o jornal impresso *Folha da Manhã*, que circulava na região do Crajubar (Crato, Juazeiro e Barbalha) encerrou as suas atividades, após 30 anos de fundação. Conhecido por ser o “jornal de um homem só” – e aqui o demarcador de gênero nos chama a atenção –, foi fundado pelo ex-bancário Demontieux Fernandes, que de maneira quase artesanal escrevia, diagramava e imprimia o conteúdo com o auxílio de poucos funcionários. Nas pesquisas que tratam da circulação de jornais impressos

veiculados no interior do Ceará (Santos, 2025) destacam-se as menções a três periódicos da cidade de Sobral: *A Lucta* (1914-1924), *A Ordem* (1916-1928) e *A Imprensa* (1924-1928); um da cidade de Quixadá, *O Sitiá* (1924-1927); e dois do Crato, que são a *Gazeta do Cariry* (1917-1918, 1928) e *O Araripe* (1919-1920).

Localizamos ainda estudos feitos por Queiroz e Paiva (2015), que analisaram o periódico *A Ação*, publicado pela Diocese do Crato entre 1940 e 1980. As notícias nesses jornais impressos abordavam “[...] acontecimentos socioeconômicos, como a criação das instituições para domésticas, para crianças pobres, para mulheres, para meninos da elite local” (Queiroz; Paiva, 2015, p.303), no entanto, apesar de citar as mulheres como público alvo das notícias, não foi possível identificar, a partir da análise dos expedientes das publicações, se havia mulheres jornalistas na redação. Ao estudar o jornal *O Rebate* (1909-1910), impresso pioneiro da cidade de Juazeiro do Norte, e do periódico cratense *Vanguarda* (1887-1888), as pesquisadoras Sousa e Silva (2021) descrevem imagens e temas das matérias tratadas, mas não fazem menção a nomes de jornalistas que escreviam os textos. O achado dos primeiros registros jornalísticos de uma mulher jornalista, que trabalhou em produtos noticiosos impressos na região, se dá através da figura de Letícia Lima entre 1920 e 1930, em um jornal de extrema direita de Barbalha, intitulado “*A Razão*”, conforme menciona Sousa (2010).

Acessando a Hemeroteca Digital Brasileira², encontramos alguns exemplares do jornal *O Rebate*, onde é possível ver o expediente do periódico. Na edição de 23 de janeiro de 1910, é possível ler que o redator-chefe é o Padre Joaquim Peixoto e há um gerente (no entanto, o nome está ilegível). Há um trecho em que é possível ler os nomes que formam a comissão do jornal: Pe. Joaquim de A. Peixoto, Manoel Alves da Silva, José Júlio, Francisco B Maia e Joaquim Alves Feitosa. Não há, neste caso, registro de mulheres nesta edição. Os jornais *Correio do Cariry* e *O Rebate* surgiram em um contexto de grande tensão política entre Juazeiro do Norte e Crato. Com base no estudo de Queiroz e Patrício (2020) não foi possível encontrar menção ou registros de mulheres atuando nas redações desses impressos.

A rádio chegou ao Cariri cearense em 1946 por intermédio de Assis Chateaubriand. Segundo Costa e Barbalho (2020), a primeira emissora instalada na região foi a Rádio Araripe, no Crato, enquanto a pioneira em Juazeiro do Norte foi a Rádio Iracema, em 1951. Ambos veículos possuem um fator primordial na expansão da comunicação, e, especialmente, do jornalismo na região, no entanto, de forma similar ao impresso, não foi possível rastrear a participação feminina nestas duas rádios mencionadas.

Foi no ano de 1999, mais especificamente em 23 de março, que a primeira televisão do Cariri foi criada em Juazeiro do Norte. Era a TV Padre Cícero, trazendo na

2 Os exemplares estão disponíveis em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/rebate/164771>.

composição de sua equipe a participação de uma mulher que atuava na transmissão via satélite. Tal descoberta aconteceu em janeiro de 2024, passados 25 anos dessa presença feminina, durante uma entrevista com o fundador e diretor da emissora, Roberto Bulhões. Na sede da emissora, que também é sua residência, o diretor confirmou a presença de Aninha Ferreira Lima e descreveu a função que ela desempenhava, um papel essencial na época, pois ela era responsável por operar o transmissor para que o sinal da televisão chegasse às residências.

Ninha morava numa casa vizinha à torre, então a obrigação dela era somente para virar essa chave, ela se arrumava toda, e ficava esperando o meu sinal, para virar a chave, naquela época para ativar o sinal era necessário virar essa chave, e a comunicação com ela acontecia através de uma chamada, no 'orelhão' (Bulhões, 2024, informação verbal).

A descrição do trabalho de “Ninha”, lança luz sobre as formas de como o papel da mulher trabalhadora era entendido na época e até hoje. As pistas, que reverberam das entrevistas, tornam-se valiosas para o estudo que além de tentar investigar a história das mulheres jornalistas no Cariri, busca entender qual papel elas ocupam nas narrativas.

4 Análise dos dados: descrevendo o que revelam as entrevistas

Das seis mulheres entrevistadas para este estudo, duas eram formadas em Comunicação Social – Jornalismo (Elizangela Santos e Maria do Socorro Ribeiro) e uma era radialista (Célia Rodrigues). As demais apresentavam formações diversas (a exemplo de Geografia e Publicidade e Propaganda). De uma maneira geral, as principais semelhanças observadas entre as mulheres entrevistadas dizem respeito ao protagonismo feminino em um contexto de ascensão das mulheres na comunicação regional. A maioria destacou ter sido uma das primeiras a atuar nos veículos de imprensa locais.

Entre os pontos mais recorrentes estão a luta pela conquista de espaço e reconhecimento profissional, as experiências de assédio no ambiente de trabalho, a desigualdade salarial em relação aos homens e o desejo de cursar Jornalismo — muitas vezes exigindo deslocamento para outras cidades em busca de formação e oportunidades. Já as diferenças identificadas concentram-se nos veículos em que cada uma delas atuou, com destaque para as que seguiram carreira em assessorias de comunicação, nos períodos distintos em que iniciaram a trajetória profissional, nas formações acadêmicas variadas (ainda que todas atuem como comunicadoras) e nas cidades onde desenvolveram suas atividades, o que nos leva a refletir sobre os diferentes contextos e dinâmicas da profissão na região do Cariri.

4.1 “Rádio não era lugar de mulher”

A comunicadora Maria Marleide Duarte é concursada no setor de comunicação na Câmara Municipal de Juazeiro do Norte, no Ceará, e apresentadora na *Rádio Vale FM*. Iniciou no rádio aos 22 anos. No início da carreira, enfrentou muitos desafios por ser uma mulher na comunicação. “Principalmente quando eu comecei, naquela época, diziam que a rádio não era lugar de mulher. As pessoas questionavam: será que ela é mulher mesmo?, porque só tinha homem” (Duarte, 2024, informação verbal). Além disso, ela relatou que sofreu casos de assédio durante a trajetória profissional. “Diziam que era bonita, que tinha a voz muito sensual, eles ficavam imaginando, achavam que eu era propriedade, por estar atuando ali. Por isso, escolhi nunca me envolver com um colega de trabalho” (Duarte, 2024, informação verbal).

Célia Rodrigues é militante, como se autodenomina, e faz parte da Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC Brasil), na qual ministrou oficinas e ajudou na formação de muitas mulheres radialistas. Nessas oficinas, são trabalhadas a linguagem de gênero, a importância do movimento feminista e também o assédio. Ela iniciou a trajetória no Cariri, com passagem nas rádios Iracema (fundada em 15 de novembro de 1951, foi a primeira emissora de Rádio de Juazeiro do Norte) e Progresso FM (fundada em 2016 em Juazeiro do Norte), além de um período laboral na rádio Cultura (na cidade de Santos, em São Paulo).

No início da carreira de Célia Rodrigues, aos 18 anos, quando estava concluindo o segundo grau (equivalente ao terceiro ano do ensino médio atualmente), fez seu primeiro teste na rádio Iracema, em Fortaleza, e foi chamada para um período de três meses de estágio. Segundo ela, a composição da equipe era predominantemente masculina, mas havia mulheres que já ocupavam espaços nesses veículos. “De mulher na rádio Iracema só tinha a Dalva Mendonça que era secretária e a irmã do diretor que era operadora de mesa, Toinha Alves, que inclusive faleceu recentemente” (Rodrigues, 2024, informação verbal). O cenário descrito pelas duas entrevistadas guarda semelhanças com o que foi identificado em 2017 por uma pesquisa sobre o mundo do trabalho do radiojornalismo em Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. O estudo já sinalizava que “[...] a atuação de homens nos radiojornais é majoritária, e são apenas seis mulheres trabalhando nas emissoras do Crajubar, sendo quatro âncoras e duas repórteres que, eventualmente, também desempenham a função de apresentar ou co-apresentar o programa” (Roque; Costa, 2017, p. 11).

4.2 *Feminilização ao invés de feminização*

A participação de mulheres atuando na imprensa brasileira data do século XIX, contudo, de forma demarcada pelos limites da sociedade patriarcal da época (Santos; Rocha, 2019). A presença de mulheres nas redações acentuou-se após a segunda metade do século XX, impulsionado pelo processo de profissionalização – sobretudo com a implementação de cursos de graduação e obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão. Antes disso, muitos acessos a postos de trabalho eram feitos a partir de convites. Foi o caso da entrevistada Célia Rodrigues, ao citar que o contato de trabalho foi feito pelo diretor da rádio Iracema, Coelho Alves, após uma apresentação de teatro que ela fez como atividade da escola na qual estudava. Embora num recorte temporal distinto e já com diploma, Elizangela Santos enviou o currículo para Franzé Sousa, responsável na época pela sucursal do Diário do Nordeste, que funcionava na Avenida Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, onde era o escritório da TV Verdes Mares Cariri.

Mesmo ocupando cargos de chefia e um século após o ingresso das mulheres no ambiente de trabalho, é possível identificar “[...] resquícios do ambiente machista das redações do início do século XX na cultura profissional e nas relações de trabalho, atrelados aos valores patriarcais (Santos; Rocha, 2019, p. 34). É o que notamos na fala de Maria do Socorro Ribeiro de Oliveira, a “Corrinha”, ao comentar sobre a experiência como editora-chefe do Jornal do Cariri – um cargo de liderança: “[...] o doutor Demócrito criou a carta de princípios do jornal e a gente tinha que seguir. E foi assim” (Oliveira, 2025, informação verbal).

Para além de uma situação que se repete em vários depoimentos sobre as empresas de comunicação instaladas no Cariri, as falas das entrevistadas revelam o protagonismo masculino à revelia do aumento numérico de mão de obra feminina. Trata-se, como aponta Yannoulas (2011), da feminilização: o acesso massivo de mulheres a uma profissão ou ocupação, ao invés da “feminização” – que envolve uma transformação qualitativa. Nesse sentido, ter mais mulheres não implica numa relação causal de melhoria nas condições de trabalho, pois à medida que aumenta a presença feminina, há o risco de diminuir as remunerações, a ocupação ser considerada pouco qualificada e sem prestígio social (Yannoulas, 2011).

4.3 *Iniciativas femininas para estudar e empreender*

Santos e Rocha (2019) sinalizam que o ingresso de mulheres no mercado em jornalismo passou a ocorrer de forma mais acentuada a partir da instalação dos cursos de graduação em Jornalismo pelo território nacional, após 1947. Mas os cursos desponta-

ram em momentos diferentes e inclusive com intervalos temporais expressivos, mesmo dentro do próprio Estado, como é o caso do Ceará: a diferença entre a fundação de um curso de Jornalismo na Capital, Fortaleza (em 1965) para a graduação no interior (no caso a UFCA, no ano de 2010) é de 45 anos.

Isso exemplifica os desafios de mobilidade, como foi o caso de Elizangela Santos, que nasceu no Crato e formou-se pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Ela teve que sair de sua cidade natal para ter a oportunidade de estudar – o primeiro curso de Jornalismo em uma universidade pública em Juazeiro do Norte foi inaugurado em 2010, com a Universidade Federal do Cariri (UFCA). Ao retornar ao Crato, foi contratada para o *Jornal do Cariri* na cidade vizinha, e como colaboradora do jornal *O Povo*. Em face ao cenário predominante na época, na década de 90, já era possível ver as primeiras mulheres atuando na comunicação na região. E mais que isso, com tentativas de empreender os próprios negócios.

Elizangela passou dois anos no *Jornal do Cariri*. “Era um jornal diário, distribuído gratuitamente, e a editora era uma mulher, Socorro Ribeiro; a subeditora era Elizete Cardoso, e uma redatora que era Fabíola Nascimento” (Santos, 2024, informação verbal). Quando saiu do *Jornal do Cariri*, Elizete também saiu, e juntas fundaram o jornal *Caminhos da Fé* e depois o *Jornal de Negócios*, que foi o primeiro jornal de economia do Interior do Estado. “Embora houvesse uma presença feminina, quanto à profissionalização na profissão, o começo foi tímido. Existiam poucas mulheres, a gente não tinha ainda uma faculdade de jornalismo” (Santos, 2024, informação verbal).

Outro exemplo de iniciativa jornalística feminina vem de Cassinha Rocha, que começou a trabalhar no jornal *O Povo* (em Fortaleza) aos dezenove anos, no telemarketing. Por lá passou grande parte da carreira, inclusive enquanto estudava publicidade. Ao se mudar para o Cariri cearense, trabalhou em assessorias e atualmente apresenta um programa diário de entrevistas na Rádio 100, intitulado *O que tem de bom*. Além de manter uma coluna no *Jornal do Cariri*, tem um blog e página em rede social, com foco em acontecimentos sociais da cidade.

Considerações finais

Esta pesquisa, que tentou desenhar um breve percurso para conhecer e examinar as trajetórias de mulheres que fizeram parte da história do Jornalismo região do Cariri cearense, encontra-se longe de estar finalizada. Reconhecemos como principal desafio e limitação a dificuldade em localizar os nomes e possíveis fontes que pudessem disponibilizar informações consistentes sobre essas profissionais – especialmente no caso de mulheres que contribuíram com textos para jornais impressos que circularam no Cariri nos séculos XIX e XX.

No entanto, ao mobilizar o arcabouço teórico que narra a participação de mulheres atuando na imprensa brasileira a partir do século XIX (Rocha e Santos, 2019), compreende-se que as trajetórias das profissionais entrevistadas não se configuram apenas como experiências individuais, mas como expressões de dinâmicas estruturais que organizam o campo jornalístico. As hierarquias de gênero demarcada pelos limites da sociedade patriarcal ainda ecoam, apresentando permanentes desafios para a inserção, permanência e os desafios enfrentados por mulheres no jornalismo regional, revelando mecanismos históricos de desigualdade que atravessam tanto o acesso quanto o reconhecimento profissional.

A exemplo disso, temos o fato de muitas entrevistadas não indicarem nomes de mulheres que as antecederam, limitando suas referências à própria geração ou a períodos próximos, o que constitui um dado empírico significativo. Tal ausência não se restringe a uma falha de memória individual, mas evidencia um processo de descontinuidade na construção de referências femininas no campo jornalístico. Esse fenômeno materializa o que Rocha (2004) denomina como apagamento simbólico das mulheres nos espaços de poder, processo no qual suas contribuições deixam de ser registradas, legitimadas e transmitidas como herança profissional.

Embora tenhamos encontrados registros acadêmicos que narram a história de Maria Letícia Ferreira Lima, que atuou no jornal *A Razão*, de Barbalha, na década de 1920, identificamos uma lacuna que compreende o período após 1920 e que vai até 1970. Apesar da existência de jornais impressos e a chegada da rádio no Cariri (em 1951), não foi possível a esta pesquisa localizar histórias de mulheres atuando nesse período. A partir dos meios de comunicação citados neste trabalho, compreendemos como lacuna para pesquisas futuras a importância da identificação de um quantitativo da presença de mulheres nesses locais – desde os primeiros jornais impressos no Cariri do século XX até os portais e rádios, que se destacam no cenário regional a partir da primeira década dos anos 2000. A análise mais detalhada desses recortes temporais pode indicar mais pistas e trazer outros registros de participação feminina nesses espaços. Destacamos, a partir do que narraram as entrevistadas e fazendo o levantamento e descrição dos postos de trabalho, que o rádio figurou como espaço significativo da participação e inserção de mulheres na comunicação regional.

Ao longo desta pesquisa identificamos ainda casos de profissionais que atuam como comunicadoras, apresentadoras, fotógrafas ou radialistas, mas que iniciaram a carreira sem a formação específica – graduação em Jornalismo. Em algumas situações, a justificativa dada pelas mulheres consultadas foi justamente a inexistência de cursos de graduação a uma distância próxima, tendo várias delas que se deslocar até estados vizinhos, como a Paraíba, para conseguir estudar. Ainda assim, “apesar das mulheres

ocuparem a maioria das cadeiras nos cursos de graduação no final do século XX, somente no século XXI elas ultrapassaram em número os postos ocupados no mercado de trabalho” (Santos; Rocha, 2019, p. 33). Nesse cenário, a chegada da Universidade Federal do Cariri (UFCA) inaugura um novo momento e reconfigura o mundo do trabalho jornalístico na região – não apenas para tentar diminuir um descompasso temporal e quantitativo entre a formação e a inserção no mundo do trabalho, mas para elaborar estratégias de feminização (Yannoulas, 2011) nas práticas e dinâmicas laborais. Tal cenário merece atenção para futuras pesquisas, no sentido de dimensionar impactos e trazer abordagens mais propositivas em relação à atuação de mulheres em empresas jornalísticas na região do Cariri cearense.

Referências

AGUIAR, Roberta Coelho Tavares et al. Adísia Sá: 80 anos de uma vida dedicada ao Jornalismo. XVIII Prêmio Expocom 2011 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. In: *Intercom*, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/expocom/EX28-0506-1.pdf>.

ALVES, Viviane de Sousa. *Retrospectiva: mais de 200 TCCs já foram defendidos no curso de Jornalismo da UFCA*. Jornalismo UFCA. Agosto, 2025. <https://jornalismo.ufca.edu.br/2025/08/06/retrospectiva-mais-de-200-tccs-ja-foram-defendidos-no-curso-de-jornalismo-da-ufca/>.

BARBOSA, Gisele Oliveira Ayres. *Aspectos sociais e políticos da poesia de Narcisa Amália*. XXII Simpósio Nacional de História, João Pessoa, 2003. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177543_234815c43b1388dac39ccfdcae203d4f.pdf

CABRAL, Bruno Yacub Sampaio. Dona Marineusa, minha Mary Poppins. 2019. *A Muganga Blogspot*. Disponível em: <https://amunganga.blogspot.com/2019/11/dona-marineusa-minha-mary-poppins.html>.

CASTRO, Carla. *Resquícios de memórias*: dicionário biobibliográfico de escritoras e ilustres cearenses do século XIX. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2019.

CASTRO, Ana Belén Salamanca. BLANCO, Maria Cristina Martín-Crespo. El muestreo en la investigación cualitativa. *Nure Investigación*. N° 27, Marzo-Abril, 2007.

COSTA, Débora Silva; BARBALHO, Alexandre Almeida. 100 anos de Brasil, 70 anos de Cariri-CE: o rádio nacional como pano de fundo para compreender o rádio local. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 03, p. 179-199, set./dez. 2020.

COSTA, Débora Silva. ROQUE, Francisco Robson Pereira. Panorama do Mercado de Trabalho do Radiojornalismo em Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. *Intercom*. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Fortaleza (CE), 2017.

CUNHA, Cecília Maria. *Além do amor e das flores: primeiras escritoras cearenses*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

DANCOSKY, Andressa Kikuti; MICK, Jacques; ROCHA, Paula Melani. Masculinização e desfeminização no jornalismo em crise no Brasil (2012-2017). *Rev. Estud. Fem.* v.30, n.2, e75032, 2022.

DUARTE, Jorge. *Entrevista em profundidade: Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São

Paulo: Atlas, v. 1, 2005.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KETTERER, Valéria. Mulheres de Letras no Ceará (1880-1925): dos escritos à cena pública. *Revista de Letras*, Fortaleza: UFC, 1996. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl18Art16.pdf>.

LAGO, Cláudia; KAZAN, Evelyn; THAMANI, Manuela. Jornalismo e estudos de gênero: e a interseccionalidade, onde está? In. *Anais da Escola de Comunicações e Artes*. Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003028415.pdf>.

LELO, Thales Vilela. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 2, 2019.

LEITÃO, Carla. *A entrevista como instrumento de pesquisa científica: planejamento, execução e análise*. Metodologia de Pesquisa Científica em Informática na Educação: Abordagem qualitativa de Pesquisa, v. 3, 2021.

LIMA, Samuel Pantoja. *et al. Perfil do Jornalista Brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho*. Florianópolis: Quórum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2026.

LIMA, Mariana da Silva Rodrigues de. *et al. História das mulheres e historiografia brasileira: contextos, tendências e debates*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 85, maio/ago. 2025.

MEDEIROS, Nathássia Matias de. *“Virtuosas e inocentes como o lyrio”*: produção de subjetividades femininas em jornais cearenses para mulheres (1875-1907). Tese (doutorado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2020.

NOGUEIRA, Aurinete Alves; CUNHA, Fernanda Ielpo da; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Trajetória de Vida e Formação Profissional da Professora Fátima Sampaio da Silva (1972-1994). *Educ. Form.*, [S. l.], v. 8, p. e11937, 2023.

NOGUEIRA, Francisco José Albuquerque. *Participação de radialistas em programas de rádios em municípios da região norte do Ceará*. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, Criciúma, 2024.

OLIVEIRA, Alinne Alcantara. *O Cariri tem rosto de mulher (?)*: memórias de mulheres influentes nas discussões de gênero na região do Cariri cearense. 2020. Disponível em: <https://ppgb.ufca.edu.br/o-cariri-tem-rosto-de-mulher-memorias-de-mulheres-influentes-nas-discussoes-de-genero-na-regiao-do-cariri-cearense/>. Acesso em: 23 fev. 2026.

OLIVEIRA, Danilo; DE SOUSA, Denilson Rodrigues; RODRIGUES, Ligia Coeli Silva. Da CLT às gambiarras: a situação laboral de jornalistas na região metropolitana do Cariri cearense. ANAIS DO 13º ENCONTRO DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2023, Brasília. *Anais eletrônicos...* Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: . Acesso em: 30 Mar. 2024.

QUEIROZ, Cícero Dantas; PATRÍCIO, Edgard. O conflito jornalístico na construção identitária de Juazeiro, CE: uma análise dos jornais Correio do Cariry e O Rebate. **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, v. 9, n. 1, 2020.

QUEIROZ, Cícero Dantas. *Correio do Cariry x O Rebate: o conflito jornalístico pela independência de Juazeiro*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Pós-graduação em Comunicação Social, Fortaleza (CE), 2018.

RIBEIRO, Regina. *Mulheres somem da história do Jornalismo do Ceará*. O POVO+, agosto de 2026.

<https://mais.opovo.com.br/reportagens-especiais/conteudo-historico/2020/08/26/mulheres-somem-da-historia-do-jornalismo-do-ceara.html>. Acesso em: 23 fev. 2026.

ROCHA, Paula Melani. *As mulheres jornalistas no Estado de São Paulo: O processo de profissionalização e feminização da carreira*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

ROCHA, Paula Melani; SANTOS, Abinoan Santiago. As assimetrias de gênero no mercado de trabalho em jornalismo: um estudo sobre a participação feminina em redações do Amapá. *Novos Olhares*, v. 8, n. 2, p. 30-42, 2019.

RODRIGUES, Naiara Rodrigues; PAULINO, Roseli Aparecida Fígaro. O Mundo Do Trabalho Dos Jovens Jornalistas Cearenses: Dados Sobre Os Egressos Da UFC. *Encontros Universitários da UFC*, [S. l.], v. 5, n. 16, p. 5015, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/eu/article/view/62951>. Acesso em: 6 ago. 2025.

SILVA, Naiana Rodrigues da. *As relações de comunicação e de trabalho de jovens jornalistas cearenses: um estudo sobre as dramáticas do uso de si, o ethos e a deontologia profissionais* (Tese). Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2022.

ROQUE, Francisco Robson Pereira; COSTA, Déora Silva. Panorama do Mercado de Trabalho do Radiojornalismo em Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Fortaleza, CE, 29 de junho a 01 de julho de 2017.

SANTOS, Hyago Átilla Sousa dos. *O drama da princesa transviada: jornal a ação, pânico moral e cartografias da identidade ameaçada em Crato (CE), 1965-1972*. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

SANTOS, Victória Ellen Martins. *Imprensa feminina: trajetórias de mulheres comunicadoras e jornalistas no Cariri*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Universidade Federal do Cariri (UFCA), Juazeiro do Norte, 2024.

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. O uso das fontes na pesquisa historiográfica: questões metodológicas iniciais. *Práxis Educacional*, v. 2, n. 2, p. 237-246, 2006.

SILVA, Maria Beatriz Nizza. A história da mulher no Brasil: tendências e perspectivas. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, v. 27, p. 75-91, 1987.

SILVA, Beatriz Matheus Ribeiro. *Mercado de trabalho jornalístico no Cariri: impactos da precarização e reconfiguração profissional*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Cariri - UFCA, Juazeiro do Norte, 2024.

SILVA, Cícero Rafael; PEREIRA, Danilo Oliveira; SATUF, Ivan. Assimetria informacional: estudo dos 'desertos de notícias' no Cariri. Universidade Federal do Cariri (UFCA), Juazeiro do Norte, 2021. *Anais III congresso de pesquisa, pós-graduação e inovação (CONPESQ)*. UFCA, 2023. Disponível em: https://sites.ufca.edu.br/ebooks/wp-content/uploads/sites/22/2023/09/Ebook-_Anais-III-CONPESQ_2022_Ciencias-Humanas-vol-2.pdf. Acesso em 03 jan. 2026.

SILVA, Cícero Rafael; PEREIRA, Danilo Oliveira; SATUF, Ivan. O protagonismo das rádios e dos veículos online para a informação local na região do Cariri. In: *Anais III congresso de pesquisa, pós-graduação e inovação (CONPESQ)*. Ciência e tecnologia para o desenvolvimento social: ciências humanas e sociais, letras e artes. Juazeiro do Norte: UFCA, 2023. p. 333-334.

SILVA, Larissa Almeida Custódio. *Feminismos de Primeira Onda no Ceará*. Dissertação (Mestrado em

História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/46263>. Acesso em 03 jan. 2026.

SILVA, R. A. Entre mulheres, história e literatura: a escrita feita por mulheres em Fortaleza no século XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: ANPUH, 2011.

SILVA, Bruno Aguiar Carneiro. *Quatro Lutas*: A jornalista Ivonete Maia em perfil. Livro-reportagem. Trabalho de Conclusão de Curso. Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), 2012. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26220/1/2012_tcc_bacsilva.pdf. Acesso em 03 jan. 2026.

SOUSA, Samuel Pereira. “Soldados de Deus e da Pátria”: entre as práticas cotidianas e a construção da memória integralista em Barbalha- CE. (1933-1950). 2010. Tese de Doutorado. Universidade Estadual do Ceará.

SOUSA, Maria Vitória Ribeiro; SILVA, Jane. Imprensa Caririense, natureza e construção identitária do Cariri (1887-1910). In: *VI Semana de Iniciação científica da URCA*, 2021. Disponível em: http://siseventos.urca.br/assets/pdf/sub_trabalhos/351-940-5162-435.pdf. Acesso em 23 fev. 2026.

SOUZA, Keyle Samara Ferreira de. *Alba Valdez*: a palavra das mulheres na história da literatura e da imprensa cearense. Dissertação. Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18904?locale=pt_BR. Acesso em 23 fev. 2026.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; SANTOS, Marli. Mulheres e jornalistas: o olhar dos pesquisadores no Brasil. *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, v. 5, n. 6, p. 4821-4840, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI. (2025, 13 de junho). “Não existe jornalismo sem trabalho coletivo”: série especial de 15 anos revisita trajetória de mais um curso da UFCA iniciado em 2010. Disponível em: <https://www.ufca.edu.br/noticias/nao-existe-jornalismo-sem-trabalho-coletivo-serie-especial-de-15-anos-revisita-trajetoria-de-mais-um-curso-da-ufca-iniciado-em-2010/>. Acesso em 23 fev. 2026.

VASCONCELOS, Anna Heloisa de. *Ipomeias*: mulheres do século XIX na imprensa cearense. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Universidade Federal do Ceará: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/41065?locale=pt_BR. Acesso em 23 fev. 2026.

VASCONCELOS, Ana Vitória Fontenele de. *A dinâmica dos veículos de comunicação no interior do Ceará*: um estudo sobre o jornalismo local através do Instagram. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2023.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em 23 fev. 2026.

YANNOULAS, Silvia Cristina. Feminização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. (2012). *Temporalis*, v. 11, n. 22, 271-292.

Sobre as autoras

Ligia Coeli Silva Rodrigues - Professora do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Cariri (UFCA), bolsista do Programa Cientista Chefe da Cultura (Secult/CE e FUNCAP), pesquisadora do Laboratório de pesquisas em Economia, Tecnologia e Políticas de Comunicação (TELAS/UFC).

Victória Ellen Martins dos Santos - Jornalista graduada pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Durante a graduação, foi bolsista de Cultura no projeto “Vozes do Cariri”, vinculado à Pró-Reitoria de Cultura da UFCA. Possui experiência profissional na Rádio *O Povo CBN Cariri* e na TV *Verde Vale*. É repórter e produtora no *Portal No Cariri Tem*. Desde a graduação desenvolve pesquisas sobre a história de mulheres jornalistas no Cariri e a atuação feminina no mercado jornalístico e na comunicação.